

A universidade e a vida

Edson Passetti*

Resumo

Universidade: mais e menos; *intermezzo*; multiplicar e dividir; (*intermezzo 2*, para mim), conclusão para quem? Reflexões de um professor sobre a universidade na sociedade de controle localizando a juventude irreverente.

Palavras-chave: universidade; sociedade de controle; assujeitamentos; irreverência.

Abstract

University: more and less; *intermezzo*; to multiply and to divide; (*intermezzo 2*, for me), conclusion to whom? Reflections of a professor on the university in the society of control, focusing on the irreverent youth.

Keywords: university, society of control, subjections, irreverence.

*“E os trinta milhões de meninos abandonados do Brasil
Com seus peitos crescendo, seus paus crescendo
E os primeiros mênstruos
Compunham as visões dos seus vitrais
E seus apocalipses mais totais
E suas utopias radicais.”*

(Caetano Veloso, *Os outros românticos*)

mais e menos

Universidade. Um lugar no topo da educação escolar que se ocupa com a continuidade do humanismo grego, atualizado pelas exigências científicas e tecnológicas da indústria e da cibernética, e se autodenomina academia. Uma totalidade composta de prédios, docentes, disciplinas e estudantes. Uma cidade, uma pequena cidade ou simplesmente seus pedaços em edifícios articulados política e

* Professor no Departamento de Política na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordena o Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol). Professor convidado na Universidade Técnica de Lisboa. Publicação recente *Anarquismos e educação* (2008) em companhia de Acácio Augusto, para a Editora Autêntica de Belo Horizonte. Site: www.nu-sol.org. E-mail: passetti@matrix.com.br.

intelectualmente pela cidade. Quando descansa rangem prateleiras de livros e vidros, rosnam animais, movem-se bactérias em laboratórios e sentinelas, desconhecedores de tanta sabedoria estocada, caminham armados, zelando pela segurança do tesouro material guardado em relatórios, pesquisas em andamento, protocolos, atos, obras, estatutos e regimentos. De vez em quando, um cientista passa a noite lá dentro e então as câmeras de vigilância passeiam por corredores vazios até que mais tarde estejam ocupados pela gente que vai e vêm. Salas de aulas, laboratórios, museus, secretarias, bibliotecas funcionando com a movimentação lenta da imensa burocracia; silenciosos estudiosos entre documentos, livros, computadores; uma longa pausa, às vezes paralisante, nas reflexões de filósofos, outras quânticas, mecatrônicas e bioinformáticas no produto dos cientistas. Comentada por lingüistas e romancistas, ensaiada por humanistas, meticulosamente projetada por arquitetos, planejadores, economistas e matemáticos, a gente da universidade arrisca-se em experimentos de biologia, química e física e em suas combinações de saberes pelos trânsitos das disciplinas; expõe-se a cada investida contestadora dos estudantes, dos professores, dos funcionários, quando desejam uma reforma imediata ou querem uma reforma geral urgente e inevitável. A universidade é uma cidade na cidade: nem sempre seu espelho, algumas vezes a principal referência de transformação ou da reação.

O vínculo Estado-universidade foi soldado pelo nacional-socialismo, pelo socialismo, pelo monopólio da educação pelo Estado no capitalismo e nele estão atadas também as universidades confessionais e as particulares, financiadas por empresas ou beneméritos. Cada vez é mais difícil imaginar uma universidade livre, o sonho anarquista derivado da projeção Iluminista sobre a emancipação humana. Até hoje, todos seus desdobramentos seja por espaços contínuos ou por meio de protocolos, parcerias, e tantas outras maneiras de conectar, incluindo o ensino a distância, eles apenas reiteraram a vida hierárquica e seletiva capaz de formar elites e vanguardas, seja pelas heranças de sangue ou

direito, até mesmo pela universalização de direitos pelos dispositivos compensatórios. A universidade iluminista termina na fronteira sólida da vida hierárquica. Permite que se habite suas bordas, pelas quais transitam anarquistas e idealistas igualitários, até mesmo imaginando uma universidade livre, fora dos limites reitorais, desdobrada por outros espaços das cidades.

Na universidade, seus professores andam pelos ambientes de governos da vida, educados para criarem ou habitarem organizações internas ou externas. Foram educados sob modelos de autonomia, individualidade e totalidade, e hoje se estendem e revezam, segundo as modulações. A hierarquia piramidal passa por uma nova conformação ajustando-se às modulações das práticas descentralizadas de saber e poder, de produção e governo das verdades. Estamos numa nova era em que o saber soberano dos mestres foi primeiro redimensionado pelas disciplinas destinadas à expansão das indústrias; depois reconfigurado, segundo programas de tecnologia informático-computacional. Os financiamentos também foram reprojctados, as prioridades reescaladas, e aumentados os novos investimentos em nanotecnologia, biodiversidade e segurança. O *professor-pesquisador-captador de verbas* aparece para contornar e dissolver as distinções entre os espaços da vida exterior e interior, governando os corpos por dentro e por fora, mapeando fluxos inteligentes, seus desvios, choques e retoques. É a parte constitutiva de um feixe veloz e ampliado de renovação da universidade, de sua permanência e propulsor de reformas.

A universidade escolástica se democratizou, e reconheceu as injustiças cometidas contra as minorias por meio de ações afirmativas; instituiu o *politicamente correto* e definiu os cuidados com animais diante da vivisseção; organizou eletronicamente seus controles e saberes articulados à época da comunicação contínua; ampliou as *representações*. Eis a permanência do Iluminismo em aperfeiçoamento.

Computadores protegidos por programas de segurança, prédio com seguros certificados, professores e seus seguros salário-saúde-velhice, estudantes inseguros querendo segurança de emprego, doutrina, diálogos, pluralismos, desde que tudo esteja registrado, patenteado, administrado e garantido por procedimentos governamentalizados.

É exigido *ética* na pesquisa, com o paciente e até mesmo com o impaciente. É preciso limpeza, plástica e jovialidade. Era da assepsia contra bactérias nos hospitais universitários — ali onde se espera *ser* humano com os pacientes, informá-lo de doenças, tratamentos e cura, democratizando seu acesso ao diagnóstico e à morte — e da limpeza e recuperação de zonas degradadas da cidade ocupadas por farrapos humanos drogados e miseráveis. É preciso ser *verdadeiro* com o doente que viu o clínico geral ser substituído pelo plantonista e o especialista em defeitos no organismo agilizando o organograma da corporação e hospitais, seguros e previdência social. O paciente elevado à categoria de cliente especial privado, com acesso a mapeamentos genéticos barateados e posologias individualizadas; o paciente-cliente indo de posto em posto médico, de hospital a hospital-dia, passando pelos centros de diagnósticos com seguro privado ou programa governamental, servindo-se da democratização dos medicamentos genéricos e posologias universais. Aos poucos a sociedade foi medicalizada em função de condutas moderadas, do conformismo, da contenção dos *transtornos* e da superação da loucura e da doença mental. Nesta sociedade medicada, o paciente-cliente transita de metrô, ônibus, carro, trem, ambulância por longas estradas de engenharias pavimentadas pelo social, biológico, eletrônico e vigiadas por satélites, cortando relevos, rasgando florestas e matas, edificando habitações verticais, com cimento-tijolo-titânio, fazendo-nos crer que o paraíso estará mais próximo.

Olhai para o céu, ainda há um universo, não mais infinito, mas em expansão, revirando a gravidade, e lançando-nos a outros sistemas, explorando tangencialmente planetas e estrelas, espaços de espaços na imensidão, que não precisarão ser ocupados necessariamente por nossos corpos: definitivamente energia, levando-nos a outros vivos *inteligentes*, dissolvendo o corpo em ondas.

A universidade permanece uma pequena cidade e se desloca, pela superfície da Terra, em simpósios, colóquios e encontros de pesquisadores, professores, estudantes. Eles falam de suas profundidades e das espessuras do universo. A universidade identifica cada integrante em discursos e crachás. Mas ela também está no seu reverso pelo rompimento da identidade, na incineração do crachá, no estranho e no intempestivo imediato, naquilo que ela pretende entender, explicar, compreender, determinar e propor para capturar se apropriar e alimentar de casos e acasos, do novo e do inventivo.

A universidade mantém seu jeito de vestir e desvestir uniformes. É o lugar onde os transbordamentos ocorrem pelos reveses das pesquisas que surpreendem, provocam rumores e *certezas* com descobertas, inovações e metamorfoses. A universidade produz a minúscula vida e arquiva cadáveres, vírus, cepas, peste. Inventava armas para matar com balas, átomos e vírus. Ninguém é inocente! Não há politização posterior ao objeto produzido; isso é coisa para professores-filósofos diante da bomba atômica, de hidrogênio, das armas, das destruições. E de quem cuida da vida para administrar as mortes. Não, a universidade não é um lugar isento. Ela está vestida. Ela avança e se retrai diante do *a priori* e das sínteses. Reduz o filósofo a um professor universitário, e este a uma profissão que outrora fez nome de muita gente e que hoje é um mero emprego; nem sempre o principal, o secundário, nem o de subsistência, mas soma de tantos outros instantes da vida de um *professor universitário*-

pesquisador-captador de verbas-sempre avaliado pela produtividade quantitativa, indo de lá para cá. Estes professores de excelência formam uma elite financiada para responder a demandas de empresas, governo ou organização ajustada ao projeto definido que aguarda pelas esperadas respostas e conclusões, bem escudadas nos pareceres e nos conselhos de ética. Ou, simplesmente, elite apartada ou projetada sobre elites menores, virtuais, compostas pelo restante dos professores andando de ônibus e metrô de uma universidade privada para outra, repetindo aulas pré-preparadas como papagaios de corsários, ensinando a alunos de crachá com mensalidades pagas a cumprir o regime das provas para *tirar* um certificado.

Universidade, cidadela na metrópole, uma província na vida cosmopolita e, por vezes, a referência para o novo *comum*. Por ela passam muitos futuros cidadãos de respeito, subversivos, mulheres para a ceia, a recepção e insurgências, homens de bem e muito bem, pessoas que se querem bem, certos jovens que já foram crianças-problema e que trazem mais questões ou exigem ligeiras soluções. Jovens conformistas, situacionistas, revolucionários, inventivos revirando professores e a estrutura embolorada. Ou conservando-a. Atuam como vírus na parte asséptica, enlouquecendo a certeza e sendo apanhados nas bordas pelas psiquiatrias, psicologias e psicanálises voltadas à adaptação, pelos dispositivos de segurança até tornarem-se agentes de proteção... A universidade, gueto formado de inúmeros guetos e seus grupelhos e ao mesmo tempo uma universidade-antigueto, geralmente também com seus grupelhos. Não há universidade sem agrupamentos. Ela é laica, religiosa, estatal, empresarial... e conversa com as demais por meio de reitores, estudantes, estudantes e reitores, e agentes, sindicatos, organizações... e Estado, e quando considera imprescindível lança mão de agentes policiais, de segurança, delação e zeladores. As universidades servem ao Estado e contra ele, contra e a favor dos regimes, pelas e por poderosas empresas e organizações pró e contra a

sociedade civil. Não é neutra, nem inocente. Produzem o que definem e cada produto material ou imaterial já está carregado de política. Não há produto neutro ou inocente, muito menos pesquisadores e menos ainda *pesquisadores-captadore de verbas-sempre avaliados pela produtividade quantitativa*.

As universidades armazenam preciosidades da humanidade e delicadezas de pessoas simples; guardam humilhações entre colegas, perseguições, esconderijos e mortes. Não suportam alguns pensadores, por maiores que eles possam vir a ser. Elas vivem do recrutamento impessoal; não existem para reparar em extravagâncias, mas vivem para recrutar e capturar o que lhes interessam num determinado momento. Mais e menos que um verbete. A universidade também é mais e menos que isso.

intermezzo

Roberto Bolaño, escritor chileno morto em 2003, escreveu *Os detetives selvagens*. Vivia no México, mas com o governo Allende regressou ao seu país. Depois do 11 de setembro de 1973, foi preso num campo e concentração. Lá encontrou um amigo de infância, agora um policial do campo, que lhe deu fuga em função do passado de crianças livres. Neste livro, num precioso momento, Bolaño nos apresenta uma ilegal imigrante professora uruguaia que vivia pela UNAM — Universidade Nacional Autônoma do México, em 1968, que apreciava poesia e amava os jovens poetas. Silêncio. Durante a invasão da universidade pelos militares, ela se encontrava no vaso sanitário do banheiro feminino. Barulhos, corre-corre. Ela olha tudo acontecendo. Constata o terrível. Volta ao vaso sanitário, fecha a porta, abaixa a calcinha, senta-se novamente, e permanece imóvel por mais de 3 horas. Neste tempo, os soldados invadem o banheiro. Ela, instintivamente, levanta os pés. Sabe que se for pega estará sob o regime da tortura. Silêncio, boca fechada, respiração suspensa. Um guarda a vê e silencia. Espera, longa espera.

Passam os dias de fome e convívio com a míngua; sai do banheiro, desmaia pelo corredor é pega pelos amigos para viver sua liberdade. Nos bares da cidade do México, contam a história de alguém (conforme a roda este alguém é um esquerdista, um funcionário, um estudante...), que escapou daquela maldita invasão militar no campo da UNAM. A professora uruguaia, mãe dos jovens poetas, apenas ouve, ri e mantém seu silêncio. Com ou sem o efeito da bebida, brinda seu amor pelos jovens poetas e pelo livre trânsito dos ilegais pela universidade. O governo mexicano, como registrou mais tarde Carlos Fuentes, matou centenas de estudantes naquele ano 1968 em nome da ordem e impediu o cortejo fúnebre dos mais de 300 cadáveres, em nome da segurança, negócios com Olimpíadas e mídia.

multiplicar e dividir

Universidades, ditaduras e democracias, pelo século 20 adentro sempre se enfrentaram em confrontos sinistros.

Da beleza, restou o maio de 1968 quando a universidade foi revirada pelos jovens.

De sombrio caem sobre nós os efeitos conservadores aparadores de revoltas pelos direitos e pelo uso e abuso das intervenções policiais repressivas. Em nome dos seus estudantes, cidadãos que a freqüentam, professores e funcionários em greve, em nome de Deus!

Instalam vigilâncias eletrônicas contra todos em nome da representação de *toda* a comunidade universitária e para protegê-la de forasteiros. Parece não haver caminho sem volta. O obediente rebanho de alunos clama pelo ensino retrógrado, regrado pelo regime das provas, embolorado e empastelado em professores-pesquisadores-captadores de verbas *enlattesados*, barateados pelo financiamento internacional e amantes dos empreendedores sociais. Querem empregos! Amam a polícia que lhes governa diariamente pelo procedimento impessoal, seleção, classificação, pela razão meritocrática fundada em critérios objetivos. Amam professores desejosos de sucesso imediato em mídia e

comunidades, porque estas passaram a ser importante referência para se identificar o intelectual *no* momento. E o intelectual não mais problematiza o momento para a opinião pública, mas sela e celebra o diálogo entre similares que compõem o indiferenciado conjunto *diferenciado* da democracia ensimesmada. E a democracia passa do âmbito da representação política, para o regime da organização da produção imaterial computo-informacional e se redimensiona como categoria analítica no estudo dos fluxos energéticos do cérebro, substituindo a antiga noção de mosaico.

Universidade: monopólio da educação pelo Estado, controle de descobertas e propriedade pelas empresas, administração dos corpos e mentes via comunidades locais e eletrônicas transterritoriais. Nela se combina governo, segurança, diplomacia, confiança na idealizada vida *bem governada*. Educação programática voltada para demarcar vulneráveis, exercitar tolerância com o outro por meio do caleidoscópio das identidades, e assim mesmo clamar por tolerância zero, ampliar tribunais entre as populações miseráveis e dispô-las organizadas pelos direitos em elites de minorias numéricas e ações afirmativas a amarem a vida no novo campo de concentração *a céu aberto*.

Chega o momento de empresários respaldados em políticas de Estado fincarem faculdades ali dentro para completar uma educação escolar que ia da creche ao colégio e que já deve atingir o nível superior. Emitem certificados e adocicam as linhagens consolidadas de vida confinada com direitos de terceira geração.

A universidade, pública ou privada, sob o monopólio do Estado, deve produzir para a eletrônica, a economia *de ponta* e aparar os feixes nas pontas da miséria. Cabe-lhe pensar e atuar em parcerias na administração de um levante em favelas aqui ou ali, reeditando e reciclando os guetos, aplicando programas comunitários de contenção de sintomas em vários locais do planeta *civilizando polícias e cidadãos*.

A universidade ainda é melhor ao provocar êxtases em intelectuais engajados em *melhorar* o mundo e os remetendo de novo às

comunidades, para combater violências, instituir diplomacias e negociar guerras. Elas produzem intelectuais, os integrantes das comunidades e os soldam como agentes de ONGs, constitutivos de parceria público-privada, ou mesmo apenas governamental, com a mesma eficácia que juntou empresários e intelectuais, artistas e pesquisadores.

Escolástica, ela faz crescer, lado a lado com os pastores da fé, os pastores laicos. Modula obediências e crenças em vencedores. Nela o prazer em lutar está adormecido pela obsessão de vitória. Com um título acadêmico na mão, um crachá no avental, uma verba no armário e no banco, jantares sociais, entrevistas em televisões, blogs, twitters, sites, em produção multiplicada para dividir poderes, *sua gente* caminha para um tanto de multiplicação entre os divididos.

intermezzo 2 (para mim), conclusão para quem?

Não vá longe de mim, diz a garota repetidas vezes. O rapaz olha firme para ela e reitera que sempre estará por perto. *Eu sei*, ela repete para ele e para si. *Não vá pra longe de mim*, pensa o rapaz. Ela entra e ele sai pela porta principal. Ela encontra um, dois, três... 1,2,3 beijos. Nunca estaremos longe. Ele nem volta a cabeça para trás. Estará longe?

A vida na universidade competente, pública governamental, comunitária, confessional, de empresários, de excelência e as não de excelências foram e são como o instante derradeiro dos últimos românticos, rebeldes, birutas, insurgentes, tímidos-espalhafatosos, contestadores amadurecidos em estufas, antes de se verem metamorfoseados em comuns conformistas como a grande maioria numérica que habita, manda e obedece nas universidades e fora dela. Na cidade, no Estado, no continente, no planeta.

Sem a juventude irreverente não viverão os velhos moderados e conformados, insiste o retrógrado. Sem as minorias intempestivas potenciais não há vida, ouve-se em um mantra-punk-rock na esquina

entoado por uma máquina de guerra nômade. Quanto menos ela existir pelo desejo estúpido de ordem, propriedade, moderação e prudência, traduzidos em democracia representativa e participativa, você poderá viver mais, porém existirá menos. Mas sem democracia, só permanecerá a rígida estrutura vertical, hierárquica, secreta, mortal feita de corporações burocraticamente ajeitadas que zanzam pela universidade até compor médicos, juízes, humanistas, engenheiros, economistas, pedagogos, e isso e mais aquilo do mesmo em economia e política, e proclamando, categoricamente, os limites da democracia em fronteiras, direitos, representações e participações, segundo a obediência a uma autoridade superior!

Deparo-me pelas paredes da universidade com cartazes convocando para uma festa em que os *homens* devem comparecer fantasiados de cafetões e as *mulheres* de prostitutas. Passa rapidamente pela minha cabeça que esta é uma honesta imagem de como vai a fantasia dos nossos alunos, recusando-se a ser estudantes, amando os assujeitamentos, vivendo a fantasia dos entristecidos casais do passado no presente. *A indecência, no cérebro, se torna obscena, viciosa*, lembra um verso de D.H. Lawrence. Mas eles querem a fantasia da castidade, a furiosa insanidade, a idiotia. Amam proibir fumar, cheiram seus monóxidos de carbono, vestem as roupas costuradas com sangue dos imigrantes ilegais, bebem e vomitam regras, em nome de si, do Homem, da Razão, de Deus. Eles são bons, saudáveis, civilizados, justos, decentes, certos e corretos. Não são; isso não é humano!

Hoje nos querem afinados no mesmo tom, para o funcionamento de uma orquestra competente e financiada, até quando? Antes era com Estados nacionais, agora com União de Estados, e enquanto o ideal de Kant não se realiza, o realismo de Hobbes se cristaliza fundado na inconsistente noção de estado de natureza, contrato e amor ao soberano. Mas os soberanos na sociedade de controle estão se dissolvendo pela atuação dos indivíduos, desdobrados democratas e

avessos a insurgências. E quando se acredita que tudo tenha acabado em tranqüilidade e felicidade, os $\frac{3}{4}$ da população do planeta que prossegue em condições de miséria faz ouvir seu sussurro...

De repente ele voltou-se para a porta principal. No quarto beijo ela girou 360°. e junto com os outros cinco ou dez fizeram-se únicos e começou uma nova virada de beleza, sem hierarquias... Escutei entre sussurros versos de um poeta que deslizava por línguas e salivas:

*“Somos ingovernáveis. Nosso único senhor propício é o relâmpago
que nos ilumina e parte em dois.*

...

Os pássaros livres não suportam serem observados. Sigamos obscuros, renunciemos a nós mesmos, próximos deles.

...

*Nos nossos jardins se preparam bosques.”
(René Char, Os companheiros no jardim)*